

A escrita alfabética na internet: suporte & linguagem

Andrea Olympio de Mello Machado Lopes Carvalho

resumo

O presente artigo analisa a *Internet* enquanto suporte digital virtual e a relação estabelecida entre ela e a escrita alfabética no processo de modelização, significação e construção do texto.

Palavras-chave: Internet, Escrita, Linguagem.

abstract

This article analyzes the Internet as digital and virtual support and its relationship established with the alphabetic writing in the modelization process, signification and the construction of the text.

Keywords: Internet, Writing, Language.

[1] **S**uporte digital virtual.

A *Internet* surgiu no final da década de 60, desenvolvida pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos para manter permanentemente a comunicação entre uma rede de computadores a longa distância, montada estrategicamente para a eventualidade de a Guerra Fria com a União Soviética virar uma guerra de verdade, com tiros, armas, bombas, etc. A princípio o serviço de *Internet* foi disponibilizado apenas para uso das instituições de pesquisa, só posteriormente a rede foi ampliada para a sociedade. Hoje a *Internet* é a maior rede mundial de conexão de informações.

No início a maior parte do volume dessas informações era veiculada em formato *HTML* (*Hyper Text Markup Language*), ou seja, eram textos escritos, transcritos de outros meios de comunicação e disponibilizados na rede. Com os avanços tecnológicos, tornou-se possível a utilização de outros recursos, como imagens em movimento, som e animações e consequentemente, a rede passou a abrigar e permitir o surgimento de novas linguagens em seu ambiente.

A maior descoberta no campo da *Internet* foi, sem dúvida alguma, o desenvolvimento de outros meios de comunicação dentro da rede. Pois, se a televisão é um meio de comunicação com diferentes mídias, a *Internet* é um canal que cumpre a função de diversos meios de comunicação. Ela funciona como correio (*e-mails*), telefone (*Skype*), loja virtual (*americanas.com.br*), portal de informações (*uol.com.br*), site de relacionamento (*orkut.com*), diário (*blogs*), álbum de fotos (*fotologs*), banco (*bb.com.br*), rádio (*jovempanfm.com.br*), etc. Hoje em dia, praticamente todos os meios de comunicação e formas de negócio possuem uma versão *on-line*.

Assim, a *Internet* se expande em várias mídias. Ela funciona como uma folha de papel em branco, que pode ser transformada em livro, jornal, diário, bilhete, cheque bancário, carta ou documento judicial, e se configura como o meio de comunicação mais representativo do suporte digital virtual – caracterizado pela linguagem binária e em rede – do qual muitas mídias se apropriam. A emissora *Rede*

Globo de Televisão, por exemplo, possui um site no qual disponibiliza os diferentes programas da sua grade de programação (*Jornal Nacional*, *Fantástico*, *Caldeirão do Hulk...*) e outras mídias encontradas apenas no site (*Paparazzo*, *Ego*, *Globolog...*), comprovando que a *Internet* se apresenta como um novo meio de comunicação para as mídias televisivas.

Entretanto, é importante destacar que tal função não confere à rede um caráter passivo no processo comunicativo e de produção de linguagem. Como todo canal, a *Internet* possui características particulares de linguagem – derivadas de sua configuração e da configuração de seu suporte digital – que compartilha com os meios de comunicação que dela se apropriam. Mas o crescente desenvolvimento da tecnologia em torno dela (*software*, linguagem digital, codificação e decodificação da informação enviada para e pela rede...) permitiu o surgimento de uma gama de recursos – som, animação, imagens em movimento, espaços tridimensionais – que ampliaram as possibilidades oferecidas por ela, ao mesmo tempo em que tornaram possível o surgimento de uma versão *on-line* de outros meios de comunicação, como a televisão e o rádio, que não teriam como se apropriar da *web* nos primórdios de sua configuração.

Outras características da *Internet* são o limite da velocidade de transmissão da informação e a quantidade de informação que pode ser transmitida. Entretanto, diante das novas descobertas e possibilidades oferecidas pela rede, essas limitações se apresentam mais como desafios a serem vencidos e contornados do que como empecilhos e entraves impostos por seu suporte digital virtual.

O intrigante é que mesmo com a vasta gama de recursos por ela oferecidos, as mídias dos meios de comunicação originários de outros suportes necessitam passar por adaptações de linguagem na hora de elaborar sua versão *on-line*. As telenovelas, por exemplo, possuem uma formatação audiovisual que a rede já comporta e disponibiliza recursos para seu desenvolvimento no espaço virtual, mas as interferências do suporte podem ser claramente percebidas na reestruturação da linguagem do espaço da novela na *internet*. A novela *Caminho das Índias*, da rede *Globo*, possui uma versão *on-line* dentro do site da emissora (*globo.com*) e, embora disponibilize vídeos com cenas de seus capítulos para serem assistidos através da rede, o formato de *links* característico desse suporte modificou a linguagem da telenovela, que passou a incorporar sessões dedicadas à descrição dos principais personagens envolvidos na trama, notícias dos bastidores, trechos escritos que contam fragmentos da história da novela e os principais acontecimentos de cada capítulo.

Na *Internet*, a novela encontra a possibilidade de, além da linguagem audiovisual, trabalhar com fotos e textos, e também de misturar histórias da trama e dos personagens com notícias de fatos reais envolvendo os atores, instigando ainda mais a curiosidade e o envolvimento do visitante do *site*. *Caminho das Índias* configura-se na *Internet* como um outro produto midiático, diferente da *Caminho das Índias* na televisão, embora seja a princípio um desdobramento do mesmo produto cultural realizado pelo mesmo enunciador, a rede *Globo*.

Assim, a *web* se apresenta como uma possibilidade de a novela recuperar a perda de audiência despertada pelo surgimento de novas mídias pois, mesmo que a audiência não seja recuperada através do direcionamento do receptor para a televisão, a *Internet* forma sua própria audiência para a novela, apresentada por ela como um novo produto midiático desenvolvido a partir da obra televisiva.

Da mesma forma que a novela e a televisão estão desenvolvendo uma linguagem específica para a *Internet*, todos os demais meios de comunicação também traçam esse mesmo caminho. E, assim, cada uma das mídias presentes na *Internet* e oriundas de outros canais configuram uma linguagem específica e diferenciada em relação à linguagem que possuem em seu suporte de origem.

É preciso ressaltar que, da mesma forma que o termo suporte na televisão não faz referência a um substrato palpável, mas sim a um conjunto de meios físicos que a mensagem utiliza para que seu conteúdo simbólico possa ser transmitido (feixe de elétrons, ondas eletromagnéticas e a tela), na *Internet*, a definição de suporte encontra, além da questão já mencionada, um novo problema. Na *web* o meio de comunicação perde por completo sua materialidade pois, embora a *Internet* seja acessada por meio de computadores e celulares, ela não é em si um computador específico ou uma simples rede de cabos. O suporte da *Internet* não é um meio físico ou um substrato material específico, mas se apresenta como um sistema operacional formado por processamentos, cálculos de codificação e decodificação da informação em seu sistema algorítmico. Para que a informação seja transmitida via *web* é preciso que seja codificada em *bytes*, decodificada e codificada novamente para ser projetada pelo feixe de elétrons na tela do computador. Dentro desse processo a informação faz uso de diferentes meios para que seja transmitida: *bit*, *HTML*, *Flash*, *elétrons*, etc. Assim, o suporte da *Internet* não é palpável como o papel, tão pouco é passível de uma identificação pontual como o são os raios catódicos da televisão. A *web* coloca em questão a materialidade do suporte.

[2] O espaço da escrita na rede.

A escrita alfabética é a língua da *Internet* por excelência. Quatro principais fatores a sustentam na base de toda linguagem que qualquer mídia ou meio de comunicação possa ter na rede:

- a linguagem desenvolvida na *Internet* no início de seu surgimento era composta basicamente apenas por textos escritos;
- a codificação *HTML* usada para colocar os *sites* no ar é composta essencialmente pela escrita alfabética;
- para acessar qualquer *site* é necessário digitar seu endereço eletrônico, fazendo uso do código alfabético;
- e a escrita dispensa a presença de emissor e receptor ao mesmo tempo, no mesmo canal, e também dispensa o uso de *softwares* e programas complexos, que necessitam de um tempo de treinamento antes do uso.

A história da *Internet* ainda está em suas primeiras décadas, mas isso não quer dizer que inferências não possam ser traçadas sobre seu ainda curto tempo de vida. Pois, como pode ser observado na história dos meios de comunicação, a linguagem de base de um suporte e de um meio de comunicação permanece enraizada nele, mesmo após sua evolução e inúmeras transformações. O papel, por exemplo, hoje é meio técnico ou suporte para diversos meios de comunicação, no entanto mesmo quando utilizado pela técnica de *origami* que é extremamente visual e dispensa o uso de palavras, sua essência não pode ser negada, porque o futuro e o presente não apagam seu passado nem o caráter simbólico adquirido por ele na cultura. Além disso, a linguagem original de um meio fica arraigada nele de tal forma que as transformações não conseguem romper com ela por completo. Linguagem e suporte se permeiam num processo de mediação e semiose que os transforma. Assim, a escrita, linguagem originariamente empregada no papel, fixa sua presença mesmo nos livros de fotografias, que contêm título, índice e legendas; o audiovisual está presente na televisão mesmo em comerciais compostos apenas de cartelas com texto; e a imagem faz parte da fotografia mesmo quando tudo o que temos nela são cores.

Podemos, portanto, constatar que o signo escrito alfabético é intrínseco a todas as mídias da *Internet*, pois o nome próprio de todo espaço virtual é escrito com palavras em seu endereço eletrônico. Para acessar qualquer página da *web* precisamos digitar seu endereço na barra do navegador, e mesmo os *links* escondem, por trás do seu clique, um direcionamento para o endereço eletrônico, seu nome próprio *on-line*. Mas a rede não faz distinção entre vídeo, imagem, som e escrita, pois o suporte algoritmo é o mesmo para todas as linguagens. O meio digital reconhece todas essas linguagens como iguais, democratizando ainda mais o processo comunicativo e ressaltando o caráter dialógico entre as diferentes linguagens, sem reconhecer qualquer competição ou primazia entre elas, inclusive a do verbal escrito e das imagens.

Outro grande trunfo da escrita na *Internet* é dispensar a presença do emissor e do receptor ao mesmo tempo, no mesmo canal. *E-mails*, comentários deixados nos *blogs*, “testemuniais” e *scraps* do *Orkut* são provas do uso do verbal escrito para este fim. Logo, embora a escrita seja um código que limita o acesso das pessoas à informação, uma vez que apenas aquelas que são alfabetizadas têm acesso a seu repertório, na *Internet* ela surge como uma forma de democratizar e tornar a interação acessível a um maior número de pessoas.

Além desses quatro fatores que direcionam a configuração da *Internet* num sentido de convergência com a escrita, também é importante levar em consideração que “a maioria do conteúdo da *Web* ainda é no formato de mídia impressa” (Dizard, 2000: 25). À medida que a *Internet* constrói uma linguagem própria com animações, *pop-ups* e ícones, os traços da mídia impressa vão ficando para trás, mas a escrita permanece como um forte elo, entre a linguagem que a rede pegou emprestada em seu início e as que estão sendo desenvolvidas nela.

A rede possui sua linguagem binária e *HTML*, mas cada mídia, ao se apropriar dela, desenvolve uma linguagem específica e recursos próprios, num processo de modelização. Tal fato pode ser claramente observado ao visitar páginas de diferentes meios de comunicação na *web*: portais de notícias, sites de empre-

sas, *blogs* e salas de bate-papo (isso para citar apenas alguns poucos exemplos). Alguns recursos e formatações, como o sistema de *links*, impõem-se como características do suporte e do meio, orientando a escritura do emissor em um sentido específico, que pode ou não ser seguido. Mas é importante observar que a própria escrita alfabética sofre transformações em sua estruturalidade – estamos nos referindo aqui à linguagem e não a sua estrutura e leis que regem o código – de uma mídia para outra, como pode ser observado nestes dois fragmentos de texto retirados da *Internet*: “Manifestante é detida em ato para lembrar vítimas da ditadura Pinochet” (www.uol.com.br acessado 13/09/09) e “num sou taum velha assim mas mesmo assim bateu akela saudade dos tempos da escola!!!” (<http://mundorosadoreggae.blogspot.com/> acessado 06/07/09). Através desses exemplos podemos perceber como a *Internet* modeliza o verbal escrito de diferentes formas.

[3] Navegando com o alfabeto.

A função referencial desempenhada pela escrita alfabética na *Internet* ocupa um local de destaque no endereçamento dos *sites*, sua nomeação e nomeação dos *links*. Ao navegar pelo ciberespaço, o signo alfabético se depara com diferentes linguagens e desenvolve outras funções e características. No endereço www.theodora.com.br o nome do *site* aparece como um elemento não-discreto, integrado à diagramação da página. Ora temos a impressão de que os rabiscos que saem do nome se expandem para compor o *layout* da página, ora percebemos as linhas tortuosas do *layout* encontrando o nome e interferindo em suas letras, cortando parte delas e delimitando o espaço por elas ocupado.

Nos portais de *Internet* – www.uol.com.br, www.terra.com.br, www.ig.com.br – o verbal escrito se apresenta de uma forma muito próxima à que temos no jornal. Enquanto os *chats*, *blogs*, programas de mensagens instantâneas (bate-papo) tais como o *Messenger* e sites de relacionamento como o *Orkut* e *Twitter* apresentam um contraponto bastante forte, não apenas à linguagem jornalística que ainda é bastante encontrada na *web*, mas até mesmo às leis que regem este código. Podemos identificar três processos diferentes de alteração das normas linguísticas nesses meios:

- Abreviação parte das letras que compõem a palavra são suprimidas, de forma a permitir uma digitação mais rápida da mensagem sem, contudo, comprometer a apreensão da informação. Exemplo: td bem?
- Substituição fonética algumas letras que compõem a

palavra são substituídas por outras, ou por terem o mesmo valor fonético ou por terem um som parecido. Exemplo: akela novidade; fax tanto tempo.

- Substituição icônica a palavra ou parte dela é substituída por um desenho ou ícone. Esse processo também é bastante utilizado para transmitir as sensações e humores do emissor.

A substituição icônica no *Messenger* apresenta um fato bastante curioso, o próprio emissor da informação configura seu programa para que, ao digitar determinada sequência de letras e símbolos gráficos ela seja substituída pela imagem, que pode ser um desenho estático ou em movimento. Ao receptor chega apenas a mensagem já com o ícone, mas caso ele tente copiar o desenho para colá-lo numa outra mensagem, surge no local do desenho o comando que foi utilizado para codificá-lo.

Assim, ao tentar copiar e colar a imagem do Cristo, do exemplo abaixo, tudo o que o receptor consegue transportar com essa operação é a palavra «deus», que foi utilizada como “atalho” para a imagem.

Para alguns linguistas mais ortodoxos e pesquisadores alarmistas como Giovanni Sartori, tais alterações podem sinalizar deturpações do código e das leis que o regem e quiçá o desaparecimento da escrita. A pesquisadora Irene Machado pondera a questão levantada por Maurizio Gnerre (1991) de que a escrita estaria agora, com o surgimento da tecnologia e do meio digital, entrando em declínio:

(...) electronic technology need not proceed to lead to the obsolescence of writing. If the linguist identifies traditional writing, distinguishing it from that of modern digital writing, it is because “writing modifies itself”. It has not disappeared and it has shown itself to be even more necessary. The proof of this is that the text in which



Figura 1: Página inicial do site www.theodora.com.br acessado 25/07/2006



Figura 2: Trecho de uma conversação extraída do *Messenger* como exemplo de substituição icônica.

he declares the obsolescence of writing was written and printed in a technological way, or better, digitized and copied by an electronic system. Such arguments reproduce a commonality of the type of mistake that Plato fell into when condemning writing for all in a generation who could only access his ideas through a written composition. (Machado, 2007)

A movimentação e alterações pelas quais a escrita está passando na *Internet* se apresentam como releituras de fenômenos que já apareceram antes, mas em meios de comunicação diferentes. A abreviação era o princípio básico que regia a linguagem dos telégrafos; a substituição fonética se apresenta como uma interseção entre o processo de abreviação e o sotaque, que confere pronúncias diferentes à mesma palavra escrita; e a substituição icônica ainda é bastante usada em passa-tempos infantis de adivinhação. Portanto, a presença desses fenômenos na cultura não caracteriza um declínio nem mesmo uma alienação da escrita, eles apontam no sentido do possível surgimento de um dialeto, uma língua que não é reconhecida oficialmente como língua da nação, com regras diferentes do português, mas com estrutura e normas bem definidas. “Les néo-grammairiens ont notamment insisté sur l'utilité de l'étude dialectale, nécessaire pour reconstituer dans le détail l'évolution linguistique” (Ducrot e Todorov, 1972: 80). É nesse contexto de evolução e desenvolvimento de um processo de semiose que a própria escrita se reinventa pois estão inseridas as transformações do signo alfabético apontadas.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **The dialogic imagination.** (Ed. Michael Holquist) (Trad. Caryl

Emerson e Michael Holquist) Texas: University of Texas Press, 1985.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia. De Gutenberg à Internet.** (Trad. Maria Carmelita Pádua Dias) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DIZARD JR., Wilson. **A Nova Mídia. A comunicação de massa na era da informação.** (Trad. Antonio Queiroga e Edmond Jorge) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 2000.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dictionnaire Encyclopédique des sciences du langage.** Paris: Editions du Seuil, 1972.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HIGOUNET, Charles. **História Concisa da Escrita.** (Trad. Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JEAN, Georges. **Writing. The Story of Alphabets and Scripts.** (Trad. Jenny Oates) New York: Harry N. Abrams, 1992.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura. Uma Investigação Sobre a Nova Realidade Eletrônica.** (Trad. Luís Soares e Catarina Carvalho) Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

LOTMAN, Iuri M.. **La Semiosfera I. Semiótica de la Cultura y Del Texto.** (Trad. Desiderio Navarro) Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri M.. **La Semiosfera II. Semiótica de la Cultura, Del Texto, de la Conducta y Del Espacio.** (Trad. Desiderio Navarro) Madrid: Cátedra, 1998.

LOTMAN, I. **La Semiosfera III. Semiótica de las artes y de la cultura.** (Trad. Desiderio Navarro) Madrid: Cátedra, 2000.

LOTMAN, Iuri; USPENSKII, B. **Ensaio de Semiótica Soviética.** (Trad. Victória Navas e Salvato T. de Menezes) Lisboa: Horizonte, 1981.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica. A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura.** Cotia: Ateliê, 2003.

MACHADO, Irene. Impact or explosion? Technological culture and the ballistic metaphor. **Sign Systems**

Studies, Tartu, v. 3, n. 41. 2007.

MANDEL, Ladislav. **Escrita, espelho dos homens e das sociedades.** São Paulo: rosari, 2006.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media.** Massachusetts: The MIT Press, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg.** (Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira) São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem** (Trad. Décio Pignatari) São Paulo: Cultrix, 14ª ed., 2005a.

MORRIS, Charles W. **Fundamentos da teoria dos signos.** (Trad. Milton José Pinto) Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da televisão.** São Paulo: Brasiliense, 2ª ed. 1984.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. em: **A arte no século XXI. A humanização das tecnologias.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns. Televisão e pós-pensamento.** (Trad. Antonio Angonese) Bauru: EDUSC, 2001.

SIGNATES, Luiz. **Estudo sobre o conceito de mediação.** Revista Novos Olhares, São Paulo, n. 2, p. 37-49, 1998.

Webgrafia

Globo. Disponível em <www.globo.com> acessado em 06/09/2009.

Mundo rosa do reggae. Disponível em <mundorosadoreggae.blogspot.com> Acessado em 06/07/2009.

Theodora. Disponível em <www.theodora.com.br> acessado em 25/07/2006.

Uol. Disponível em <www.uol.com.br> acessado em 13/09/2009.

Andrea Olympio de Mello Machado Lopes Carvalho

Professora de Redação e Criação Publicitária na FACOM-FAAP. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.